

A LINGUAGEM DO HOMEM CONTEMPORÂNEO: ANGÚSTIAS E MEDOS EM TEMPOS PANDÊMICOS

Peterson Gonçalves Teixeira (UENF)
petersongoncalvesteixeira@gmail.com
Amaro Sebastião de Souza Quintino (UENF)
amarotiao@yahoo.com.br
Jackeline Barcelos Corrêa (UENF)
jack.barcelos1@hotmail.com
Sheila Campos de Souza (UENF)
sheilacamposdesouza@bol.com.br
Crisóstomo Lima do Nascimento (UENF)
crisostomoln@gmail.com

RESUMO

Com a Pandemia do COVID-19, os indivíduos apresentaram novas formas de viver e de interagir na sociedade, houve uma mudança repentina nas formas comunicacionais, principalmente na linguagem, causando ansiedade e medo do contágio. A ansiedade faz parte da vida cotidiana, comprometendo o bem-estar das pessoas, o que gera medos, desconfortos e incertezas, fato que provocou angústia e insegurança na vida social e profissional das pessoas. Esta proposta objetiva trazer uma breve discussão acerca das novas formas de linguagem presentes neste momento pandêmico e suas consequências. A metodologia selecionada tratou-se de um estudo exploratório, documental e bibliográfico com base nos estudos a partir do discurso de angústia em Heidegger (2002), além da mudança do contexto cognitivo em Joan Bybee (2010) e do funcionalismo da linguagem em Martelotta (2020), entre outros. Diante do estudo realizado, percebeu-se que os indivíduos consolidaram um novo vocabulário, fundado em estratégias comunicacionais de sobrevivência, e que a partir do isolamento ficou evidente o sentimento de angústias e medos devido a COVID-19, apresentando transtornos de saúde mental, devido à privação e contenção social, surgindo sintomas de sofrimento psíquico. Assim, a partir das discussões elencadas na pesquisa foi possível identificar as novas formas de comunicação e múltiplas linguagens, mediante as trocas de informações que surgiram com a pandemia do Coronavírus na vida do homem contemporâneo.

Palavras-chave:

Linguagem. Homem contemporâneo. Angústias e medos

ABSTRACT

With the COVID-19 Pandemic, individuals will present new ways of living and interacting with society, there is a sudden change in communication forms, mainly in linguistics, causing anxiety and middle contact. Anxious from the face of everyday life, compromising or bem-beg people, or that generate mean, discomfort and uncertainty, a fact that causes anguish and insecurity in the social and professional life of people.

This objective proposal will outline a brief discussion about the new forms of language present at this pandemic moment and its consequences. A selected methodology deals with an exploratory, documentary and bibliographic study based on our studies from the discourse of anxiety in Heidegger (2002), also the change of the cognitive context in Joan Bybee (2010) and the functionalism of the language in Martelotta (2008), among others. Due to the study carried out, I perceive that individuals will consolidate a new vocabulary, founded on communication strategies for survival, and that from an evident isolation or feeling of anguish and media due to COVID-19, presenting mental health disorders, due to privacy and social contention, arising symptoms of psychic distress. Also, based on the discussions raised in the research, it was possible to identify the new forms of communication and multiple languages, through the exchanges of information that will arise with the Coronavirus pandemic in contemporary home life.

Keywords:

Language. Contemporary men. Anguish and fears.

1. Introdução

A pandemia da COVID-19 causada pelo novo Coronavírus (SARS-CoV-2) tem sido uma das maiores pandemias deste século, impactando e ceifando tantas vidas. Segundo os dados da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), na China no final do ano de 2019, houve mais de 2 milhões de casos e 120 mil mortes no mundo por COVID-19.

No início do mês de agosto, o Brasil, até então, tinham sido registrados cerca de 19.938.358 diagnósticos e 556.834 mortes pela COVID-19 até o ano de 2021. Esta situação calamitosa está em vigor até os dias atuais, com bastante intensidade, mas continua causando sérios impactos e alterando emocionalmente as vidas das pessoas, com a presença da morte e do contágio.

Contudo, este momento causado pelo vírus tem influenciado a linguagem, que é o recurso utilizado pelos indivíduos para se comunicarem na sociedade, e realizar as trocas necessárias para a sobrevivência humana durante a pandemia. Neste sentido, o uso da linguagem é fundamental, pois ela é a base da comunicação, ressaltando seus usos e o poder das palavras cotidianamente. Diante de tal contexto, observa-se que emergem novas formas de comunicação pelo homem contemporâneo, por meio das influências, e práticas interativas que têm ganhado muita relevância em razão do período pandêmico atual.

A investigação sobre os usos da linguagem tem ganhado relevância em razão das novas formas de se relacionar com o mundo, em destaque aplicabilidade de Novas Tecnologias de Informação e comunicação

(TIC's), tendo o ciberespaço um papel fundamental para esse novo modo de viver e se comunicar.

Com a inserção de palavras de ensino pautadas nas novas tecnologias permite aos falantes uma caminhada para além dos espaços sociais. Nesse sentido, é de grande valia a discussão sobre os novos usos de diferentes ferramentas e linguagens que possibilitam a partir do uso de recursos digitais, tendo em vista a necessidade de aproximação dos indivíduos com os contextos sociais e de aprendizagem.

Assim, o objetivo desta pesquisa visa trazer uma breve discussão acerca das novas formas de linguagem presentes neste momento pandêmico e suas consequências. Diante de tal contexto, observa-se a necessidade de repensar a linguagem, que muitas vezes não possui uma concordância gramatical, e por não haver uma preocupação com o senso estético, dificulta a interpretação do discurso utilizado pelos falantes. Entretanto, pode se atribuir novos significados construídos a partir de singularidades e perspectivas comunicacionais. O texto tanto falado quanto lido repercute nos indivíduos na medida em que há uma compreensão das partes.

Por fim, a pandemia provocou alterações no cotidiano das pessoas e impôs uma reinvenção interativa, não só na linguagem, mas também nos comportamentos, na necessidade dos usos de adereços para o cumprimento dos protocolos de segurança, impostos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no convívio virtual e social, e em meio a uma situação de angústia, medo e perdas incalculáveis.

Dessa maneira, ressalta-se que a pesquisa trouxe à tona diversas modificações nas práticas cotidianas dos indivíduos a partir da resiliência, a persistência e adaptação dos falantes ao momento pandêmico. Vale ressaltar, que se fez necessário os enfrentamentos dos desafios com coragem e otimismo, para sobreviver até que se tenham vacinas para todos em prol de combater o inimigo invisível.

2. *A Linguagem e suas potencialidades*

Nos últimos anos, houve diversos avanços no campo da linguística, sendo a língua concebida como um sistema adaptativo complexo, constituída por diversos conceitos, ao mesmo tempo, segue padrões estabelecidos e por outro lado cultura que emerge, tendo como base a virtude e peculiaridades comunicativas (BYBEE, 2010).

Estudos anteriores abordam a linguagem como uma ferramenta imprescindível para a comunicação, sendo fundamentada por ser veículo interativo; por refletir e traduzir o pensamento do ser humano que se revela pela linguagem que utiliza, ganhando relevância no meio físico-social onde vive.

Calvet (2007) elucida que:

As línguas mudam todos os dias, evoluem, mas a essa mudança diacrônica se acrescenta uma outra, sincrônica: pode-se perceber numa língua, continuamente, a coexistência de formas diferentes de um mesmo significado. Essas variáveis podem ser geográficas: a mesma língua pode ser pronunciada diferentemente, ou ter um léxico diferente em diferentes pontos do território. Desse modo, um réptil comum em todo o Brasil é chamado de “osga” na região Norte, “bribo” ou “víbora” no Nordeste, e “lagartixa” no Centro-Sul. Um atlas linguístico como o de Gilliéron e Edmont nos dá milhares de exemplos dessa variação regional”. (CALVET, 2007, p. 89)

A discussão elencada abrange os usos criativos da língua em contextos diversos da comunicação; por sua vez, a gramática é tida como uma estrutura em constante mutação e adaptação, em consequência das eventualidades do discurso (BYBEE, 2016).

E os falantes fazem das mudanças, novas analogias levando em consideração os contextos reais de comunicação e o entendimento de que os dados para a análise linguística são enunciados que ocorrem no discurso natural. Corroborando com esta concepção, Chomsky (2006) afirma:

A linguagem, como sistema de comunicação, gera línguas humanas que são naturais e socioculturais que produzem frases, palavras compreendem textos e se desenvolvem de maneira espontânea. A língua pode ser interna e externa, segundo Chomsky. A língua interna é individual cognitiva e mental e psicológica, esses aspectos são intrínsecos ao homem. Já a língua externa é sociocultural, compreendem os sons, palavras, regras gramaticais, escrita, gerando comunicação e interação, perpassando pelos aspectos cognitivos, psicológicos, socioculturais. (CHOMSKY, 2006, p. 8)

Desse modo, a análise da linguística deve levar em conta o uso da língua em situação concreta de intercomunicação, isto significa que, deve-se haver harmonia na linguagem, que, com o tempo, tendem a assumir novas funções e configurações e outras que, aparentemente, mantêm-se mais estáveis (MARTELOTTA, 2008).

Segundo Chomsky (2006, p. 8), “o uso da linguagem perpassa por expressões e estruturas psicológicas da decodificação do código lingüís-

tico dentro das palavras, orações, texto”, no entanto essa linguagem não se restringe à observação de aspectos formais da língua, mas também leva em consideração a difusão das formas pela organização social de cada falante.

Vale ressaltar que a língua, assim como a cultura, varia de acordo com cada pessoa e cultura. É perceptível que as diferenças e variações do uso da língua não são as melhores formas corretas do uso do falante, mas fica evidenciado que há uma produção comunicativa, da utilização da língua enquanto interação social entre os interlocutores (CHOMSKY, 2006).

Em linhas gerais, pode afirmar que por meio da linguagem é que o homem cria o mundo, já que ele não é como se descreve. É por meio das descrições que o indivíduo governa as ações. Nesse ínterim, fica evidenciado que a linguagem não descreve o mundo que se vê, mas o ser humano nos visualiza o mundo que é descrito.

Fica evidenciado que a percepção, a sensibilidade, o sensorio, as emoções, o sentimento se encaixam dentro do processo de aquisição da linguagem que refere a um contexto social, cultural, fonológico, que envolvem a palavra, som, semântico, significância e morfológico de forma individual (MOREIRA, 2005).

Nessa perspectiva, Whitney (2010) acrescenta:

Não há uma só sociedade destituída desse tipo de linguagem. Desde as raças superiores até as mais bárbaras, todo homem fala, todo homem pode comunicar seu pensamento, por mais simples e limitado que seja. Parece, portanto, evidente que a linguagem é natural no homem. Sua constituição, as condições de sua existência, seu desenvolvimento histórico – uma dessas coisas apenas ou todas juntas – tornam inequívoco seu apanágio. (WHITNEY, 2010, p. 18)

O conhecimento da literatura e normas acadêmicas contribui significativamente para o uso da língua e o falante segundo Moreira (2005, p. 11): “vê a linguagem como símbolo que gera pensamento, ou seja, uma consequência daquilo que imaginamos e externamos através de pensamento que é concretizada pela linguagem”. No entanto, esse é o resultado da combinação de códigos linguísticos de forma individual, mas existem leis que fundamentam a comunicação na norma culta.

Há uma forte correlação entre os estudos de Tomasello (2003); Martelotta (2008) e Cunha (2012), que adotam como teoria a rejeição à centralidade e autonomia das normas cultas, a incorporação da semântica

e da pragmática às análises, a não distinção estrita entre léxico e gramática, a relação estreita entre a estrutura das línguas e os falantes.

Considera-se que a linguagem se remete à aquisição de uma língua particular própria e peculiar de cada indivíduo e acesso à informação. A interação social no sentido de troca de conhecimento, criatividade, cultura, e senso crítico, se fez presente e essencial para as interações de trabalho, estudo e até mesmo de diversão por meio da arte, da música como entretenimento durante o isolamento social (SOUZA; BEZERRA, 2021). Portanto, a relação da língua do falante é um produto social, sendo que dentro de um discurso entre os interlocutores há uma função que determina a língua e a comunicação. Nesta perspectiva de contágio crescente do Coronavírus pelo mundo surgem a angústia da falta de interação social e a ansiedade de perpassar pela pandemia vivos, e em contato com o mundo externo por meio das linguagens virtuais.

3. A angústia e a ansiedade do homem contemporâneo como disposição do eu na perspectiva de Heidegger

A angústia e a ansiedade, vistas de numa perspectiva filosófico-existencial, bem como as várias facetas existentes e decorrentes de sua vivência, buscando focar como essa se dá na contemporaneidade. Com a pandemia COVID-19, associada a diversos infortúnios, entre eles o isolamento, às incertezas, ao medo de perder entes queridos torna vulneráveis, o ser humano levando a pensamentos diversos (GOLBERSTEIN *et al.*, 2019).

Angerami (1999) menciona que:

Conquanto a atual sociedade tenha tudo para aniquilar o indivíduo nos seus diversos níveis de convivência (profissional, afetivo e sexual), cabe somente a ele decidir por libertar-se dessas condições ou aceitar o estrangulamento e vivenciar o tédio diante de tal aniquilamento existencial. (ANGERAMI, 1999, p. 8)

A angústia emerge da tomada de consciência do “Ser Humano” enquanto livre e, portanto, a angústia decorre também da solidão e do tédio existencial, condições essas espetaculares a determinado momento e contexto de vida do humano, que tem ganhado relevância em razão do *Coronavírus*, com isso o desespero do homem contemporâneo apresenta diversas facetas de dor, mas que precisamente é a ausência do outro o que mais o angustia.

Segundo Costa (2009 p. 12), “(...) a angústia emerge da tomada de consciência do Ser como livre e, portanto, um dever de possibilidades, um nada de determinações. A angústia se instala frente a um futuro a construir, incerto, é uma temporalização do *Eu* (...)”; isso leva a pensar que na angústia, espera-se por um futuro ainda no presente e sem a segurança do passado, o qual se caracteriza como aquilo que já foi.

De acordo com Dantas (2009):

A angústia aponta a fragilidade da existência humana perante a vida, uma vez que o homem não possui nenhum fundamento para além da temporalidade. É por essa condição de existência aberta para si mesmo, para construir o ser no mundo, que o homem se angustia (...) a patologização da angústia é a marca da produção de subjetivação em uma época em que a tecnologia possui uma grande importância na vida do sujeito, pois se configura como um modo de evitação da sua própria angústia, um controle exagerado da sua condição existencial. (DANTAS, 2009, p. 4)

O cenário atual tende a suscitar ou agravar o sofrimento e consequentemente os problemas de saúde mental, em especial a depressão e ansiedade, aumentando o risco do comportamento suicida. Sintomas de depressão, ansiedade e estresse diante da pandemia têm sido identificados na população geral (WANG *et al.*, 2020) e, em particular, nos profissionais da saúde (ZHANG *et al.*, 2020a).

Esta visão é apoiada por Heidegger (2002), quando o mesmo

(...) postula que a angústia é sempre em relação à finitude, à morte, porém ambas fazem parte da existência humana. Contudo, o homem teme a morte angustiante e dela tenta fugir quando a concebe como sendo impessoal, cotidiana e universal, à medida que evita apropriar-se dela. (...) traz o pensamento meditante e a serenidade, os quais se caracterizam por uma postura mais leve do homem em deixar as coisas virem à luz dos acontecimentos, isto é, o homem sente-se absorto pela abertura de sua existência e se move a favor daquilo que quer para seu ser. (HEIDEGGER, 2002, p. 6)

E ainda acrescenta que

[...] a angústia, é caracterizada como um traço totalizante e constitutivo da existência, ou seja, do homem como um ente que existe imediatamente no mundo, tomando a angústia como sendo aquilo que define a essência do ser humano, revelando apenas como fenômeno existencial da finitude humana, abandonando a perspectiva teológica que é exacerbada por alguns autores. (HEIDEGGER (2002, p. 9)

Desse modo, chega-se à conclusão que o desespero do homem contemporâneo durante a pandemia relaciona-se à existência de diversos fatores externos, já que o significado deste está diretamente relacionado

com sua presença e ausência. Muitas pessoas buscam sair do desespero por meio de outras maneiras, tais como: com o uso de drogas no processo de alienação, cometendo algumas atitudes arriscando a própria vida, cometendo suicídio, entre outras.

Heidegger (2002, p. 7) diz que “a vivência da angústia permite ao homem ampliar o sentido que ele atribui ao mundo da técnica, dos instrumentos com os quais se relaciona”. No entanto, o homem contemporâneo não só utiliza essa técnica. Contudo, essas buscas não alcançam seus fins e os indivíduos deparam-se cada vez mais com o absurdo ou incoerências da própria existência, ou seja, seu caráter contingente e incerto.

De acordo com Heidegger (1976 *apud* DANTAS (2009),

O homem contemporâneo desconhece a prática do questionamento, pois com a emergência da ciência instaurou-se a crença da verdade absoluta e, portanto, inquestionável. Esse homem acostumou-se a aceitar e reproduzir verdades prontas. Tem-se então, um sufocamento da vivência particular em prol da neutralização da existência. (HEIDEGGER, 1976 *apud* DANTAS, 2009, p. 23)

Dessa maneira, observa-se que o homem contemporâneo é marcado pela subjetivação do “eu” que se agrava mais ainda em uma época em que a tecnologia possui grande importância na vida do sujeito. Heidegger (1996) aponta que

Todas as coisas e nós mesmos afundamos numa indiferença. A angústia “emudece”, nos “corta a palavra”, pois não há nada em que nos apoiar. O ente não mais está lá. Só nos resta o vazio que sentimos. Quando uma pessoa se encontra angustiada e perguntamos o que sente; ela geralmente diz: “não é nada não”, “não há nada, vai passar”. Essas expressões mostram que o indivíduo não entende o que o angustia, não sabe o que se passa. É o nada que nos assedia. Não há palavras para expressar o nada que sentimos. O nada não pode ser definido. Heidegger afirma de forma contundente: “diante do que e por que nós nos angustiamos era ‘propriamente’ – nada. Efetivamente: o nada mesmo – enquanto tal – estava aí”. (HEIDEGGER, 1996, p. 57)

Diante de tal contexto, percebe-se que a angústia é uma característica fundamental da existência humana, é nela que fica evidenciado o “nada” como uma “sombra” que paira sobre todas as coisas. Na angústia, todas as coisas se nivelam. Tudo se torna efêmero, tudo se torna igual. Isso se configura como um modo de evitação da sua própria angústia, um controle exagerado da sua condição existencial, mas também se torna

dependente dela, deixa-se capturar e objetivar de maneira alienada (HEIDEGGER, 1996).

Tendo em vista as limitações inerentes à falta de conhecimento e estudos sobre a doença supracitada, o distanciamento social se fez presente, tendo como essencial a linguagem virtual para aproximar as pessoas do mundo social, se valendo das Novas Tecnologias de Informação.

4. A inserção das Novas Tecnologias de Informação e o uso da Linguagem como forma de interação social

A pandemia, ocasionada pela disseminação do COVID-19, fez com que os diversos setores da sociedade se adequassem ao novo contexto pandêmico, marcado pelo isolamento social. Com essa situação calamitosa, evidenciam-se as dificuldades relativas à convivência neste cenário, pelo fato de que a comunicação e a interação física tiveram limitações, devido aos protocolos de segurança no isolamento social definidos pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO).

Os anos de 2020 e 2021 estão sendo marcados por muitas mudanças que modificaram abruptamente o comportamento da humanidade e de suas organizações, gerando novas adaptações em diversos campos, principalmente no que diz respeito aos usos das linguagens, devido ao isolamento social. O uso das Tecnologias da Informação e Comunicação se tornou a solução de interação com maior segurança para a preservação da vida e para evitar o contágio. A respeito disso Almeida (2014), aponta que

[...] o uso das TIC's na educação, em especial das tecnologias digitais portáteis, representadas por distintos dispositivos tecnológicos com características de mobilidade e conexão à Internet, além de menor custo para aquisição, representa possível abertura para a aprendizagem, o ensino e o desenvolvimento do currículo, que podem se expandir para além dos espaços e tempos delimitados da sala de aula; propiciar a integração da educação formal e da informal com o mundo digital conectado; contribuir com a interlocução entre diferentes culturas e com a formação ao longo da vida. (ALMEIDA, 2014, p. 23)

A partir dos estudos de Almeida (2014), fica evidenciada a importância das mídias tecnológicas na vida das pessoas, fato que é inegável, pois, as trocas de informações e reflexões impactam diretamente em todos os ambientes, de maneira que cada um cria suas próprias formas de

se comunicarem e pensar nas interpelações das palavras enquanto interage com o outro.

Nessa perspectiva Rajagopalan (2020), cita a “magia” que

Há um resgate da “magia” e importância da palavra soprada, que tinha sido esquecida até pouco tempo atrás. A partir dessa constatação, o autor afirma: “estamos “brincando” com palavras, mas isso é sério: vai criando uma forma de olhar para a vida e para o mundo”. (...) Uma sugestão é substituir o uso do termo distanciamento por conscientização social, com o sentido de colocar o bem-estar do eu em segundo plano, primando pelo bem-estar do todo. (RAJAGOPALAN, 2020, p. 3)

De acordo com a teoria de Rajagopalan (2020, p. 5), o linguista sugere “a adoção de novos termos, como a substituição de distanciamento social por conscientização”. O autor exorta a “palavra soprada” em tempos pandêmicos, em que a fala assume uma importância antes esquecida, e as linguagens sofrem mudanças para adaptar-se ao cenário atual. Vale reforçar que a tecnologia contribui significativamente nas trocas internas e externas, fazendo surgir novas formas de comunicação e, portanto, a interação se torna ativa e expressiva.

Em tempos de pandemia, a sociedade teve que mudar os hábitos corriqueiros, em busca de reinventar maneiras de seguir o rigoroso distanciamento social, para sobreviver a esse momento pandêmico. Nesse ínterim Rajagopalan (2020) faz um alerta sobre a subjetividade da linguagem:

[...] a inclusão da sociedade e da cultura na reflexão sobre a linguagem não pode acabar com o indivíduo. Deve haver espaço para o sujeito agente, o sujeito conscientizado, que não está preso em uma teia sem possibilidades de escolha: pelo contrário, deve-se deixar espaço para decisões munidas de ética e criticidade. Dito isso, acreditamos que exista espaço a partir dessa discussão, para pensar algumas questões inerentes ao sujeito, como por exemplo, possíveis espólios consequentes da pandemia em sua identidade, subjetividade e intersubjetividade. (RAJAGOPALAN, 2020. p. 6)

Nessa perspectiva, o homem contemporâneo constrói mecanismos de interações para manter a comunicação entre os indivíduos nas trocas de informações, mediante o uso das mídias virtuais. Essas adaptações, que perpassam diversas áreas de conhecimento, estão relacionadas ao uso cotidiano da *internet* e às possibilidades que a mesma oferece para as mudanças do comportamento comunicativo dos indivíduos (MARCUSCHI, 2010).

Defende-se que a pandemia do Coronavírus foi de algum modo, um momento privilegiado de reconhecimento das fragilidades e das potencialidades dos indivíduos enquanto comunidade educativa.

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) abarca um processo de construção que fortalece a configuração de novos espaços interativos que, conforme Zacharias (2016), permitem certa autonomia dos usuários no tocante à sua prática cotidiana. Cabe ressaltar que nesse contexto o uso de tecnologias está sendo uma medida provisória em função do isolamento social.

Com a perspectiva de incorporação de novas mídias digitais, novas palavras foram inseridas no vocabulário cotidiano que vão além da utilização de recursos verbais, algo que transpõe a barreira da abordagem linguística e adentra em outras práticas sociais. Como por exemplo, os *Emojis*, *Chats* e o *Msn*, estendidos para mensagens com a intenção de facilitar a redação do texto, e garantir expressividade com o máximo de rapidez e emoção, os usuários criam seus próprios códigos linguísticos de acordo com os seus interesses e suas subjetividades.

O texto é abreviado e marcado pela oralidade e pelo uso de símbolos como pontos de exclamação e outros que são repetidos, bem como o uso de *emotions*. É uma conversa teclada ou verbalizada, por meio de *Podcasts* que de maneira geral precisa de expressividade e instantaneidade.

Nesse contexto de análise, é importante observar as questões apontadas sobre a abordagem tecnológica nas práticas cotidianas, pode-se ressaltar a predileção pelo *WhatsApp*, do *Meet*, até mesmo para as comemorações sociais. A maioria das pessoas utilizam os recursos tecnológicos postos em evidência e os consideram satisfatórios. Vale ressaltar que ambientes como o *Instagram*, *Facebook*, *Twitter*, entre outras, favorecem o atendimento rápido e direcionado. Certamente, são os mais utilizados nos contextos emergenciais interativos. Ferreira e Coutinho (2020) acrescentam:

Em primeiro lugar, o uso intensivo da internet pode gerar uma adição, um uso compulsivo, definindo uma dependência e centralidade do uso da internet em relação a qualquer outra ação cotidiana. A participação intensiva nas redes sociais também pode gerar um “excesso” de informação ou, em muitos casos, desinformação sobre a pandemia. O excesso de informação pode gerar ansiedade e a difusão da noção de um “medo global”, com ênfase no número de mortes e previsões das curvas de contágio. Alguns autores sugerem que se busque definir um tempo determinado dentro da rotina para buscar informações, evitando assim estar “conectado o

tempo todo”. A lógica é de qualidade e não quantidade de informação. Assim, é melhor ter acesso a sites confiáveis (sites de órgãos oficiais de saúde) ao invés de ficar navegando em muitos sites que se contradizem e espalham notícias sem qualquer respaldo científico. (FERREIRA; COU-TINHO, 2020, p. 9)

A partir destas perspectivas, deve-se levar em conta a dinamicidade proporcionada pelos modos colaborativos por meio do uso da tecnologia. Neste mesmo contexto, a troca de mensagem, a decodificação e codificação da linguagem que são tratados dentro dos aspectos linguísticos dos falantes, pois a linguagem, de maneira usual e cotidiana, se torna como sistema aberto, fato que contribuiu para várias interpretações possibilitando surgir novos conceitos e sentido (BRAGA, 2013).

Isto posto, essas descobertas avançam nas discussões sobre as novas tecnologias e o uso da linguagem como forma de interação social em tempos de pandemia, que se encontra em processo adaptativo, os quais foram necessários para a adequação ao isolamento social. Assim, a discussão revela, sobretudo, que há urgência de aprimoramento do uso das tecnologias na perspectiva de seus usos, isso pode acontecer a partir do estímulo ou da necessidade de se comunicar de maneira exitosa.

5. *Considerações finais*

Com a pandemia o mundo mudou sua rotina, que para alguns gerou prejuízos e para outros trouxe reinvenção e adaptação aos novos tempos, mas no que tange à linguagem, as tecnologias despontaram ferramenta primordial contributiva, apresentando resultados positivos e satisfatórios no processo de comunicação.

Considera-se que a sociabilidade digital é essencial para o homem contemporâneo, ou seja, uma tecnologia que veio “*para ficar*”, e mudar comportamentos, evitar os deslocamentos desnecessários para eventuais reuniões, encontros, aulas, e outras convenções sociais.

Portanto, os textos digitais se tornaram interativos, emergentes, flexíveis, móveis, dinâmicos, simbólicos e passaram a ser conectados virtualmente em qualquer lugar por qualquer pessoa. São considerados não lineares, dando infinitas possibilidades de percurso para a comunicação conforme o interesse de cada indivíduo. Porém, quando o isolamento social se encerrar, a interação tecnológica continuará a ser essencial, modificando os antigos comportamentos sociais e interativos.

O objetivo da pesquisa foi alcançado, pois, refletiu-se sobre a linguagem do homem contemporâneo, suas angústias e medos em tempos pandêmicos, também foram abordadas as linguagens e suas potencialidades nas diferentes formas de interação, tomando como base diversas teorias que versam sobre a temática em pauta.

Devido à pandemia mundial surgiram os medos, as angústias, as incertezas, as ansiedades em diferentes proporções, ocasionadas pelo pânico da contaminação do vírus. Sendo assim, destacam-se aspectos positivos onde a linguagem tecnológica aproximou as pessoas, aumentaram os contatos com os profissionais da saúde que antes eram improváveis, ampliou as potencialidades das artes como interação e solidariedade por meio das *lives* filantrópicas, aproximou as famílias.

Enfim, para os novos tempos espera-se uma ampliação da valorização da vida e a partilha de sentimentos e atitudes positivas por meio das linguagens, sejam elas tecnológicas ou presenciais, que nos transformem em pessoas melhores, mais humanizadas e mais solidárias com o próximo.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALMEIDA, I. S. As medidas de quarentena humana na saúde pública: aspectos bioéticos. *Bioethikos*, 8(2), 174-85, 2014). doi: <https://doi.org/10.15343/1981-8254.20140802174185>. Acesso em: 18 jul. 2021.

ANGERAMI, V. A.; FEIJOO, A. M. L. C. A psicoterapia existencial: uma pesquisa fenomenológica. In: ANGERAMI, V.A. *A prática da psicoterapia*. São Paulo: Pioneira, 1999. p. 7-35

BRAGA, D. B. *Ambientes digitais: reflexões teóricas e práticas*. São Paulo: Cortez, 2013.

BYBEE, J. Categorização e a distribuição de construções em corpora. In: BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: CUP, 2010.

_____. *Língua, uso e cognição*. Trad. de Maria Angélica Furtado Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CALVET, L. J. *Sociolinguística uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2007.

CUNHA, C. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

CHOMSKY, N. *Sobre a natureza da linguagem*. Trad. de Marylene Pinto Michael. Martins Fontes: São Paulo, 2006.

COSTA, V. de. Ontologia da negatividade em Sartre. *Dissertação* (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Filosofia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009. 139f.

DANTAS, J. B. *et al.* A patologização da angústia no mundo contemporâneo. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 6, n. 2, 2009. Disponível: http://www.academia.edu/30406900/_Conversações_em_Psicologia_e_Educação_Articulação_em_rede_de_serviços_notas_sobre_promoção_e_ação_do_conhecimento_científico_no_mundo_contemporâneo. Acesso em: 01 ago. 2021.

FERREIRA, S.; COUTINHO, T. *O uso intensivo da internet por crianças e adolescentes no contexto da COVID-19 e os riscos para violências autoinflingidas*. 2020. Disponível em: <http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/o-uso-intensivo-da-internet-por-criancas-e-adolescentes-no-contexto-da-covid19-e-os-riscos-para-violencias-autoinflingidas/>. Acesso em: 29 jul. 2021.

FREIRE, P. *Conscientização: teoria e prática da libertação*. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. Centauro: São Paulo; 2008.

GOLBERSTEIN, E. *et al.* *Coronavirus disease 2019 (COVID-19) and mental health for children and adolescents*. JAMA pediatrics, 2020.

HEIDEGGER, M. “Que é Metafísica?”. In: _____. Conferências e escritos filosóficos. Trad. de Ernildo Stein. *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

_____. *Ser e tempo. Partes I-II*. Trad. de Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1996. 2 vols. (col. Pensamento Humano)

_____. *A questão da técnica*. In: _____. *Ensaio e Conferências*. Trad. de Emmanuel Carneiro Leão e outros. Petrópolis: Vozes, 2002.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: ____; XAVIER, A.C. (Orgs). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARTELOTTA, M. E. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. *Manual de Linguística*. Segunda edição. São Paulo. Editora Contexto. 2020. 250p.

MOREIRA, V. C. *Leibniz e a Linguagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

RAJAGOPALAN, K. *Linguagem e sociedade em tempos de isolamento*. Conferência apresentada por Kanavillil Rajagopalan [s.l.], [s.n.], 2020. 1 vídeo (1h 17min 59s). Publicado pelo canal da Associação Brasileira de Linguística. <https://www.youtube.com/watch?v=g-vEw5u4V3M>, 2020. Acesso: 01 ago. 2021.

SOUZA, W. G.; BEZERRA, J. J. A pandemia e a urgência das tecnologias: reflexões sobre os desafios para o ensino de língua portuguesa em tempos de isolamento social. *Signo*, v. 46, n. 85, p. 2 14, Santa Cruz do Sul, jan. 2021. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/15626>. Acesso em: 29 jul. 2021.

TOMASELLO, M. *The new psychology of language*. V. 1. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2003.

WANG, C; PAN, R.; WAN, X; TAN, Y. *et al.* (2020). Immediate psychological responses and associated factors during the initial stage of the 2019 coronavirus disease (COVID-19) epidemic among the general population in china. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(5), 1729. <http://dx.doi.org/10.3390/ijerph17051729> Acesso em: 18 jul. 2021.

WHITNEY, W. D. *A Vida da Linguagem*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. 2010.

ZACHARIAS, V. R. de C. Letramento digital: desafios e possibilidades para o ensino. In: COSCARELLI, C.V. (Org.). *Tecnologias para aprender*. São Paulo: Parábola, 2016.

ZHANG, J.; ZHAO, X.; ZHANG, W. (2020b). Recommended psychological crisis intervention response to the 2019 novel coronavirus pneumonia outbreak in China: a model of West China Hospital. *Precision Clinical Medicine*, 3(1), 3-8. <http://dx.doi.org/10.1093/pcmedi/pbaa006>. Acesso em: 18 jul. 2021.

Outra fonte:

UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura. *Suspensão das aulas e resposta à COVID-19*. Disponível em: <https://pt.unesco.org/news/educacao-escolar-em-tempos-pandemia-na-visaoprofessoras-da-educacao-basica-uma-pesquisa>. Acesso em: 18 jul. 2021.